

# FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

**ROCHA MARTINS**

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440-C.

## “O Agachado”

Uma pagina de vergonhas — Confissões de um  
oficial general — O que deve ser um militar  
— O tribunal de guerra e o paiz — Como se  
exautora um almirante

O tribunal de Santa Clara, que julga os acusados de cobardia da noite de 19 de outubro, é já para os olhos do publico, o quadrado do almirante senhor D. Luiz da Camara Leme que, em breve, vai, decerto de lagrimas nos olhos, vêr cair dos seus braços as estrelas da sua alta patente. E é ele proprio que se exautora, que, como um condenado ao fuzilamento, deve vêr-se a acabar deshonorado. Neto de militares illustres, liquida no peor crime que um soldado póde cometer e vem, numa insensibilidade extranha, dizel-o ao paiz, ao exercito, aos marinheiros. As suas declarações, segundo o *Diario de Lisboa*, sempre escrupuloso e imparcial nas suas reportagens da responsabilidade que esta apresenta, são extranhas.

O almirante, apesar de se estar em revolução, fôra ao Arsenal não para qualquer dever do seu cargo, mas afim de enviar um radio ao senhor Afonso Costa no que julga, diz ele, ter prestado um serviço á patria. Dirigiu-se, para isso, a bordo d'um navio que um seu subordinado — o senhor Procopio de Freitas — comandava — Quer dizer: este almirante acolhia a revolução, reconhecia-a, aceitava-a, queria ilibá-la aos olhos do senhor Afonso Costa a quem não competia desmentir coisa alguma relativa a Portugal, desde que não é o seu representante. Subserviente-

mente o acusado lhe mandou as noticias, como o serviu desde que ha republica, esquecendo o seu nome, o seu passado, as sua declarações de monarchismo feitas diante do almirante Castilho e na presença de camaradas.

Isso, porem, não seria delicto, se não houvesse o resto, essa confissão singularissima de medo, de pavor que um soldado fez diante d'um jury de soldados.

Soubera da prisão de Antonio Granjo, ouvira o senhor Carvalho Crato—seu inferior—a clamar *que não consentiria que se tocasse no preso, a não ser que passassem por cima do seu cadaver*» E que fez o almirante em frente deste seu subordinado que procurava salvar a vida de um chefe de governo, d'um republicano honrado, d'um homem que jámais seria capaz d'uma vileza? Elle o diz:

*«Como não tinha nada com aquilo, conservei-me afastado» «Momentos depois saia o senhor Cunha Leal do posto medico, a gritar exaltadissimo que o tambem o queriam matar como se fosse um mau republicano. Eu, como, disse, estava afastado, estava ali apenas como visita»*

Este almirante hesitou em intervir diante d'um seu camarada ferido, em frente d'um atentado aos galões d'um capitão dentro d'uma praça de guerra, ele, official general, sentiu-se tão desligado da marinha e da honra militar que declarou *«estar ali apenas de visita»* Pois é despedir da corporação, e já, esse «visitante» que vem ainda confessar ter *«o sr. Agatão Lança botado fala ás massas»*. Este almirante fala como um taifeiro mas procedendo peor que um destes servos em caso semelhante. Elle *«não ligou importancia, não tinha nada que ver com aquilo»* Singular homem já não quero dizer, estranho soldado, porque o não é, pois que vendo sangue derramado, o sangue d'um bravo, *«nada tinha a ver com aquilo»*.

Veem, então, a ultima expressão do abandono de si proprio, a declaração da sua inercia e da sua defecção.

*«De repente ouviu-se um tiroteiro. Eram de todos os lados. Não sabia d'onde vinham as balas. Procurei abrigar-me delas na sala dos officiaes e um marinheiro avisou-me de que elas não traziam letreiro, ali me recolhi e á saída soube então, que tinham assassinado o senhor doutor Granjo»*

Quero que tais dizeres não se percam. As paginas dos jornais são archivos dificeis de de compulsar. Neste panfleto ficarão, pois, estas chapadas de luz sobre a epoca que atravessamos. Quasi não careço de comentar, de verberar, de me indignar. Para quê? Estamos na presença de um almirante decorativo na rua mas fóra da sua função militar **QUE SE RECOLHE QUANDO OS MARINHEIROS O AVISAM DE QUE AS BALAS NÃO TRAZEM LETREIRO.**

Colocamo-nos por consequencia, em frente d'um official general que

se sujeita debaixo de fogo, às indicações d'um marujo e *que se esconde porque lh'o insinuam*. Como hade comandar no dia seguinte? Apresado enviado de novas a uma personagem da sua amizade, recadeiro do chefe da demagogia, ele, militar, é igual ao outro na hora em que, perdida a dignidade do seu cargo, se meteu na cosinha do hotel portuense. A cobardia que se não pune num civil não pode porem, ser um apanhio d'um almirante. As estrelas do seu uniforme devem ser limpidas ou deixarem nas mangas apenas o signal do logar que occuparam.

Depois da morte de Granjo ficou ainda no Arsenal a conversar com outro dos acusados, o senhor Luiz Ramos, quando chegou Carlos da Maia. Dirigiu-se lhe. O outro, como se fosse um policia, agarrava o meu querido amigo por um braço, e gritava-lhe: *«Já para bordo sob prisão»*. Singular maneira de se dirigir a um camarada, é esta tambem mas o official em questão tambem não prima pela sensibilidade pois aceitou serenamente, com um *«está bem»*, a morte de Botelho de Vasconcelos. O homem que na hora presente ainda é almirante e recebe as continencias das sentinelas no tribunal continua a declarar *«que não tinha nada com o que se passou»*.

*Novamente «ouviu tiroteio e confusão naturalmente procurou novo abrigo dentro do gabinete do official ds serviço entre a porta e a janela. Como esse abrigo era insufficiente, porque qualquer bala vinda de fóra podia apanhar-me pela altura do peito AGACHEI-ME. Mas, como digo, era extranho a tudo quanto se passou»*

Este almirante *AGACHADO*, extranho a tudo quanto se passou, excepto a comunicar com o senhor Afonso Costa, sente tanto a singularidade da sua situação, encara de tal maneira o seu crime ou recorda-se tanto de seu pavor, mostra um estado de nervosissimo tão grande que obriga o juiz auditor a notar-lh'o.

Dentro da armada portuguesa ha officiais dignos, ha simples marujos de camisolas de alcache honrados. A bravura foi sempre a qualidade dos homens do mar. Pois eles que me digam se querem continuar a ser comandados por um general desta envergadura?

Eu sou um simples civil, homem de letras, comentador dos acontecimentos do meu tempo, a desenhar figuras e a traçar scenas destinadas ao historiador d'amanhã, mas declaro que não apertaria mais a mão a semelhante official se acaso o conhecesse antes do seu acto deprimente. Mais ainda: se um acaso m'o pusesse diante, mesmo absolvido pelo tribunal — se é possível meu Deus! — eu gritar-lhe-hia tudo quanto aqui escrevo. Soldado, recusar-me-hia servir às suas ordens, marinheiro, revoltar-me-hia se o visse com a sua farda vestida, simples cidadão espero que, pará honra do pais, um quadrado de soldados e marujos se forme na parada do Castelo de S. Jorge para a cerimonia de arrancar os distintivos a quem a si mesmo se exauturou. Então um militar diz seme-

lhantes cousas, confessa o seu pavor, o seu medo, afirma que se meteu no deposito dos inuteis, que se *agachou*, ante uma chacina de camaradas, e póde ficar nas fileiras, embora como reformado? Não. Não hade ficar mesmo que haja para com ele a costumada tolerancia culpada do aniquilamento do respeito pelas fardas portuguezas. Esse homem não tem o direto de se dizer, nem mais um instante, official general.

Veja-se bem que os seus inferiores se apresentaram ante os desordeiros, os insubordinados, Carvalho Crato, Augusto Lança tudo tentaram para deter essa onda e o chefe, o almirante, onde estava? *Agachado!*

Ouvem-se tiros, rebentam as explosões de colera, fere-se, mata-se corre sangue dos prisioneiros cobardemente derramado á traição. Que faz o tenente Lança? Protesta expõe-se, busca impedir que se repitam horrores. Onde está o almirante? *Agachado!*

Os acontecimentos rolam n'um fragor de infamias a chocarem-se em grandes miserias moraes. E a primeira é este *almirante agachado* no deposito dos inuteis.

A armada vem redimir-se dos crimes cometidos; pela voz de alguns dos seus membros aparece a dizer da repelencia de que eles a encheram, pela palavra d'um bravo tenente, o senhor Prestes Salgueiro, banhado em lagrimas, á paisana—com vergonha da farda—no cemiterio diante da sepultura de Granjo vem condena-los. E o almirante onde estava? *Agachado!* Quazi não surgiu nem mesmo para mandar outro radio ao senhor Afonso Costa a explicar-lhe o horror da situação.

*Agachado* continuou no tribunal; talvez, que o deixem na situação da reforma, um agachamento rendoso, mas se assim se succeder alguem lhe bradará;

—De pé... Vão ser arrancadas as estrelas da sua farda.

Basta de nervosismo. De pé... Clarim, cumpra o seu dever já que o tribunal não cumpriu o seu. E para o paiz ter se ha dado a morte moral do almirante.

E sabem quem comandará assim? A voz da armada inteira que póde ser irrequieta mas é brava, que pode ser avançada em politica mas não é destial, exigindo o castigo dos cobardes assassinos do 19 d'outubro e que não deixará de ordenar o do almirante que, sob o fogo, se escondeu, e occulto se *agachou*.

## O empréstimo e seus resultados

A ganancia do ouro — O trigo e as fronteiras  
— Como sairá o ouro — A futura situação do  
país — A esmola ou o bacamarte?

O governo manda propagandear nas paginas dos seus jornais, e nas dos outros, as vantagens enormes do empréstimo interno, espalha as opiniões dos jornalistas — quer dizer as que lhe são favoráveis e são todas — e por isso eu lhe ofereço também a minha sem o encargo inerente ao tesouro publico. Nestas cousas de patriotismo sou dum grande desinteresse. Não tem que pagar-m'o. E' verdade, também, que não vou agradecer. Ora vejâmos. Afirma o governo num dos seus reclamos: *não ha memoria de um ano cerealifero como o ano corrente*. Num excesso de emprego de anos diz uma grande verdade e explica que a saída do ouro será nula durante 1923 e parte de 1924. Muito bem. Para isso, porem, só contribuíram a natureza e os que trabalham na terra, não vão os homens da governança encher-se com tais loiros acumulados, não proclamem mesmo vitoria sem terem a certeza de que, realmente, não será necessaria a saída do ouro. Desde já lhe garanto que sairá e muito.

Mas como? perguntar-me-hão os fanaticos do empréstimo interno que, por sinal, é também externo porque muitos espanhóis se habilitaram a ele como de resto á compra das nossas terras fronteiriças, predios, fabricas, tudo quanto se lhes queira vender. E é porque se lhes venderá trigo que, dentro em pouco, teremos que o importar e, por consequencia, será inevitavel a saída do ouro.

Já ouço os berros soltos em volta desta minha afirmação e no entanto, ninguém a poderá repelir totalmente sem o fazer tolamentemente.

Com que conta o governo para evitar a passagem do nosso trigo para Espanha? Decerto não é com a boa vontade dos espanhóis. Mas então com quê, desde que eles o paguem melhor? Com as suas leis? Uma gargalhada colectiva deve esgarçar todas as bôcas. E' que estamos em presença dum ministerio que tendo asseverado existirem verdadeiras ninhadas de lucrantes ilicitos ainda não conseguiu meter na cadeia o mais réles mercieiro. Os contrabandistas do trigo serão mais difíceis de filar. Primeiro, porque não ha quem os prenda. Segundo, porque os homens do poder são aliados de todos quantos se lhes acercarem com negocios.

É positivo. Se até já houve um fiscal da agricultura que acusou o respectivo ministro de prevaricador e este não o chamou aos tribunais. Nem sequer o puniu. E quem cala . . .

Sabe-se muito bem o que é vigilância das fronteiras. Exercida por uma guarda fiscal mal disposta por ter sido retirada das linhas da circumvalação de Lisboa, onde se julgava atarrachada, não terá o menor valor. Depois nem todas as delimitações se podem guardar desde que ha propriedades, pertencentes a nacionais e a nossos visinhos, encravadas em Portugal e em Espanha. Se o governo ordenasse ao exercito que partisse para a raia, como num tempo de epidemia, vinda com o vento espanhol, isso causaria extranheza nas gentes d'alem Guadiana e, naturalmente, uma nota diplomatica surgiria a perguntar porque se mobilisavam assim tantos milhares d'homens e os despejavam sobre as fronteiras. Seria preciso explicar que se amava a Espanha monarchica e se detestavam os seus republicanos, que aquilo tudo era por causa do trigo não sair e de lá viria novamente a notificação de ser vista com maus olhos semelhante aglomeração militar.

O trigo emigrará desde que os espanhois o desejem; o oiro ha de ir para o estrangeiro desde que esse cereal falte. Claro que não se barateará o preço do pão e se continuará no mesmo regimen asfixiante; a moagem viverá largamente, pois não se aprovará o tipo de pão único, e o regabofe plutocrata redobrará porque os ministros são comparsas dos negócios ou antes de alguns negociantes.

Suponha-se, porem, que nem um bago de trigo se perde nas casas alheias, que uma fiscalisação rigorosa se exerce, que se liquidam os lucros moageirais e realmente o Estado, encarreirando para a razão, mete na ordem os especuladores, obriga os das companhias panificadoras a mostrarem os seus lucros e recolhe os que são exagerados; imaginemos ainda que se baixa o preço da alimentação, o que se tornava facil com algumas medidas radicais em sua essencia. O oiro não saíria? Mas quem lh'o disse?

Continuemos a demonstração com a simplicidade de quem pretende elucidar em vez de fazer literatura complicada.

Quem arrecada o dinheiro do emprestimo, quem o tomou com seus juros? Os Bancos. Por consequencia passam a possuir caudais de titulos que no dia da conversão receberão em libras-cheque as quais — pelo menos as dos clientes e ha muitos que fazem este jogo — irão directamente para alem fronteiras. Serão mais valores representativos d'oiro num rio largo a desaguar fóra de Portugal.

A razão maxima da derrocada financeira está exactamente na falta de crédito dos governos, nas constantes agitações, na impunidade dos culpados da carestia da vida. Não ha confiança e a proposito foram-se collocando em Inglaterra e em França todos os capitais valorisaveis a um antigo cambio favoravel. Quem tinha libras — os banqueiros que o digam — collocou-as no estrangeiro; as que ganharem nesta operação vão fazer companhia ás antigas, pois agora lhes darão uma baixa ficticia para a compra e logo as alterarão para ganharem na diferenca de preços. Tiltarão por essa Europa fóra as libras dos portuguezes abastados enquanto em Portugal se ouvirá apenas o rangido dos dentes dos esfomeados porque esse oiro se perderá para o barateamento da sua existencia.

Eu não quero apontar nomes a uma possivel revolta, não desejo indicar onde estão os individuos que fazem essas transacções, quem são os

depositarios do oiro no estrangeiro e não o faço porque receio vê-los amanhã perseguidos por uma turba, revolucionada em nome duma alta razão, e não quero para mim uma parte das responsabilidades numa execução sumaria. Só garanto, que com esse dinheiro lá íóra colocado — apenas pela razão da sua entrada em Portugal — se baratearia a vida duma lórma apreciavel.

Julgarão que um sentimentalismo excessivo me detem. Não. E' que detesto a justiça tresloucada da turba. Não teria sentimentalismo se amanhã, legitimamente, pudesse punir, por todos os modos, esses homens que depauperaram o país.

Como? Legalmente. Pelo criterio usado na Argentina, e que eu já apresentei, nestas paginas, para com os monopolistas do salitre.

Do contrario bem se pode o governo esfalfar a dizer: *O produto das nossas economias precisa de ser valorizado.* O oiro do lucro safrá e voltaremos á mesma e talvez a uma situação mais pitoresca: á do governo fazer um emprestimo, nas vespervas da ruina, e cobrirem-no com os lucros obtidos agora. E' o caso do morgado que emprestava dinheiro ao caseiro para jogar contra ele. Em jogo está o país que quanto mais pedir mais terá que pagar e como quem deve empobrece, ao accumular as dividas, dentro em pouco a republica em vez de solicitar emprestimos, terá que pedir esmola — a não ser que prefira disparar o seu bacamarte nalgum pinhal sombrio.

## Os excessos da duqueza

Uma frase e uma attitude — O arranco duma aliada — A república e os seus títulos — A herança de D. Afonso — Os maus costumes de Portugal

O meu velho amigo Custodio José Vieira defende com furia as preciosidades dos palacios reais. E' um bacharel com alma de artista, um dos melhores funcionarios da república e um coração de oiro, unico objecto valioso que ele não cuida com esmeros pois a miudo o sobresalta em seus anceios pelos tesouros do país ou em suas ofertas sinceras — pelo menos no inicio — a varias damas em seguida desenganadas.

Pois, apesar de sua gentileza a uma senhora idosa — à qual decerto não faltou ao respeito nem ofereceu a sua viscera para de seguida lha tomar de novo — chamava-lhe publicamente, *malandro*, num jornal de Lisboa, a *Capital*. A senhora em questão fala mal português e por isso a qualificação dada ao meu amigo tem uma intensidade relativa; porem ao jornalista português que conhece o significado do termo é imperdoavel te-lo deixado passar tanto mais que se sabe ser absolutamente falso que Custodio José Vieira seja, *vadio* ou *gatuno*, pois são essas expressões as correspondentes ao epíteto.

Isso, porem, é entre a *Capital* e ele. Se não se sentiu agravado não seja eu quem o lance nalguma pendencia por este tempo de calor em que os animos andam exaltados. Se por acaso refiro o episodio é apenas para marcar como uma dama trata nas colunas duma gazeta um autentico cavalheiro.

— O senhor Custodio José Vieira é um *malandro*!

Quem não o conhecer, é capaz de acreditar na qualidade do epíteto que lhe imputam porque, de mais a mais, foi uma duqueza quem o despejou. E' verdade; uma duqueza que, pelo seu casamento, arvora um titulo português da mais alta nobreza usado pelo infante D. Afonso e transmitido à sua viuva a senhora que, de lingua solta, epitetou o funcionario republicano.

Podia ser um desabafo politico, uma expressão *frondeuse*; um arranco de combatente realista do tempo dos *chouan* lançado contra o inimigo politico e, então, eu veria a senhora duqueza com o seu chapéu de plumas, o seu barrete negro, ou seu tricorne debruado a oiro, embu-



çada numa capa, correndo pelas estradas entre os perigos, conjurando em castelos arruinados, e, de chicotinho em punho, gritando a sua apostrofe:

— Malandro!

Isto teria um sabor de arremetida, um gosto a desafio, sentir-se-la toda a colera duma duqueza contra o revolucionario e ele proprio sorriria imaginando-se o heroi numa pagina de novela ou numa peça de Victorien Sardou.

*Malandro!* e esta palavra seria quasi uma ofensa coletiva, um brado pouco aristocratico mas altivo lançado ao regimen na pessoa dum dos seus homens.

Mas não se trata de afrontar em tais termos. Esta senhora duqueza é amiga intima da república, ou, pelo menos era-o, quando lhe solicitava favores. Não ha nem uma gota de sangue nobre nas veias da viuva de D. Afonso e os seus conhecimentos de heraldica decerto se limitam aos dos rendimentos do rei dos chouriços de sangue ou dos macarrões, seus compatriotas e seus eguais no nascimento e na luta pela vida. A duqueza foi recebida pelos homens da república na legação de Madrid como uma aliada. Vinha trazer-lhes uma presa, um velho infante, tio do rei exilado, e semitonto pela sífilis que reconhecia a república ao consorciar-se sob a sua égide. Daí por diante os governantes deste país, onde os titulos foram abolidos, tinham a *sua duqueza*. Quem ignorava o passado, as maneiras, os modos porque fora feito esse casamento — como eu — ainda podia imaginar uma americana milionaria e sentimental indo buscar ao acaso do exilio um principe infeliz, carecido dum braço amigo a que se encostar e que sem rumor, sem alarme, sem reclamo, a condessa num canto do mundo para deixar finar-se em paz esse neto de Victor Manuel, esse parente dos Napoleões, esse rebento dos Saxe Coburgo, esse primo dos reis de Inglaterra, da Espanha, da Belgica, da Italia e dos imperadores alemães, esse pobre destroço duma realesa atirado para os horrores da doença, longe dos seus, orlão, ele que só a mãe amara, tendo como esmola um quarto e uns sofás num velho palacio de Italia em cujas portas as sentinelas olhavam com pasmo as suas botas rotas.

De repente, porém, a claridade brotou. O sentimento amolecia ao surgir a herdeira, ao vir, diante da república, a *sua duqueza*, solicitar o que chama a fortuna de seu esposo.

Ào começo dera-lhe a tintura romantica dumas lembrançasinhas dele, das cousas com que brincara, dos objectos que lhe serviram; depois cresceu em ambição, tomou advogado e imaginou disputar aos Braganças expulsos a parte que lhe disseram pertencer ao infante mas que não existe. Por fim, procurou arrebanhar tudo quanto havia em valores e chegou a apurar uma quantia pela qual o estado lhe pede 40 contos de direitos de transmissões. Não deve ser má a herança que a república entregaria à *sua duqueza*, se acaso ela não se imaginasse tanto em graça que sentisse ser-lhe devida a isenção desse pagamento.

E' que ela considerava-se crédora desde que conduzira uma alteza real à transigencia, e num acordo tacito com os dirigentes da nação sentia-se a sua cúmplice nem outra coisa representavam as honrarias que lhe dispensavam. Jamais entrou num gabinete de ministro sem as maiores demonstrações de subserviência; encontrou todas as facilidades, puzeram-lhe officiais ás ordens para a acompanharem a S. Vicente de

Fóra, e tais considerações lhe mostraram que até o guarda do Pantheon Real enquanto tuteia os reis de direito, lhes chama: o Pedro V, o Luis, o Carlos, acha sempre maneira de se explicar ante a urna de sua alteza a senhora duqueza do Porto. E' pois a duqueza da república e como tal não detesta, politicamente, o meu velho Custodio José Vieira.

Temos que afastar essa visão extranha, pitoresca, cheia de scenas novelescas duma aristocrata esmagando um jacobino, chamando-lhe *malandro* em nome dos principios.

Então porque sai dos lábios pintados da duqueza essa palavra tão mal soante quando não tem a desculpa-la o fragor duma batalha, duma arremetida, em que uma heroína sacrifique a vida e até a correção do seu sexo? Porque atirou essa brutalidade que nem [mesmo amaciou com uma outra palavra ou com um gracejo?

A duqueza é estrangeira mas conhece, ao que se vê, os maus termos da nossa lingua e aplica-os ás suas antipatias? Talvez. Mas então, áparte a extranheza que causam tais silabas em bôca feminina, porque a jogou a Custodio José Vieira?

Hade existir uma razão e essa é que ele defende com honradez, com cuidados extremos, com brio, com amor dum artista, o espolio do infante, pretende deixar em Portugal os objectos de valor pela sua beleza, garante-se com a lei, disputa à viuva o que ela quer para si sem direito, emfim zela como poucos o patrimonio artistico do país.

Encarregassem-no de velar pelo resto e não se dariam casos de vergonha: a saída de quadros de bons autores, de pratas de pura arte, de obras primas que devem estar nos Museus publicos ou em mãos de particulares, porem em Portugal.

Custodio José Vieira, ao que parece, não fez as vontades à duqueza, não se curvou diante dela como estava habituada a vêr os ministros no Terreiro do Paço a saudarem-na já como aliada, já como uma mulher que dormira num leito real pois, embora não o pareçam, certos republicanos teem grandes respeitos por tudo quanto, na sua miopia, julgam aristocratico. Lembram aqueles excitados jacobinos que nas Harles, diante dos restos dos banquetes das Tulherias—bocados de vitela, brancas polpas de galinha, restos de presunto, alguns doces dentados que se vinham vender por conta dos criados—esbugalhavam os olhos e exclamavam: isto vem talvez do prato do Badingne.—chamavam assim a Napoleão III—e quando os outros não viam iam gulosamente comprar essas victualhas despresadas por falta dum augusto apelite.

A palavra—malandro—soou, pois, num rancor por um funcionario ter cumprido o seu dever enquanto os outros não fizeram caso dos seus.

A senhora duqueza do Porto está ha pouco tempo em Portugal, mas já conhece em demasia os costumes da terra e as más palavras. aqui só se alcunham de homens de bem os autenticos malandros e se chama malandros a autenticos homens de bem. Isto, porem, tem sido frase afirada, nas ruas, dita ás portas dos cafés, sem honras de letra rendonda, agora, já vem nos jornais talvez porque caídas de uma alteza da república se recolheu com prazer numa folha republicana que a lançou sobre o mais correcto dos homens, o mais digno dos funcionarios e dos autenticos historicos—e, por isso, tolerante-paladino do regimen onde a duqueza tem os seus admiradores.

# O Presidente do partido democratico

Os democraticos e o futuro presidente — O senhor dr. Belo de Moraes Incredulo — O senhor dr. Bernardino Machado e os toques de campanha — A tactica nacionalista — O padeiro ou a revolução ?

Em agosto vai ser indicado o futuro presidente da republica — dizem os democraticos. Vae ser nomeado o presidente do seu partido — responde o país.

Ha pessoas que ligando uma grande importancia á falta dos deputados nacionalistas no parlamento, é nessa ausencia que baseiam ser o futuro chefe da republica um simples delegado de partido. Eu não. Seja quem fôr o eleito, estejam ou não os nacionalistas em seus *fauteuils* não ha duvida, a menor duvida, que o presidente será quem os democraticos desejarem. Quando um chefe de estado não lhes convem, depõem-no ou assassinam-no e como ninguem quer correr tais riscos não é possivel eleger senão quem essa facção quizer.

Por detraz de toda esta intriga presidencial — o mal terrivel que agita os estados pouco preparados para se governarem em republica — move-se a mão poderosa do senhor Afonso Costa querendo um presidente para seu uso, uma especie de seu representante no qual mande e que o acate, o deixe estar lá longe como um soberano em eterna vili-giatura a pedir contas ao seu grão visir.

A situação d'um homem a quem se convida para o cargo deve ser igual á d'um carrasco do conto de Banville.

O verdugo vivia n'uma casinha calma, socegada, levava a sua vida vendo a mulher bordando a missanga, ouvindo a filha tocar piano, escutando os netos a brincar no jardim enquanto lia, tranquilamente, o seu jornal e sempre que batiam á sua porta estremecia. Imaginava sempre que o vinham chamar para uma execução e sofria... Ás vezes era o padeiro. Não nascera para o officio mas era obrigado a exercel-o. Ora em Portugal, entre os presidenciaveis, só há um que, quando ouve tocar

á sua porta, estremece mas de puro jubilo: é o senhor conselheiro Bernardino Machado. Muitas vezes tambem é o padeiro que faz retinir a campainha. Os outros sentem o horror que o carrasco manifestava quando tinha que ir executar. Eles, porem, receam ser executados.

Um delles, o medico Belo de Moraes, chalaceou até: «eu acredito tanto nisso, como se me quizessem fazer papa.»

E' a renuncia implicita. Mas que demonio iria fazer para Belem o director do hospital de Santa Marta?

Os medicos são, por via de regra, pessoas positivas, estudam as doencas e o seu desejo é cural-as. O senhor doutor Belo de Moraes deve saber que o caso para que o chamam não tem cura. Seria um medico assistente ao final do enfermo que era capaz de fazer fugir do hospital, lançando o seu protesto por o vêr naquele estado como, ao sentir internado em Santa Marta o actual presidente do conselho, veiu á imprensa falar da tirania de Sidonio a qual se liraitava, neste particular, a mandar para um leito de enfermaria um homem que poderia meter na cadeia.

Está fóra da politica, como o confessa, o clinico, mas não pode estar nunca fóra da profissão. Na sua qualidade de lente da Escola Medica, ele deve ter analisado detidamente a gangrena que invade os membros do regimen de que o querem fazer presidente.

Por isso diz acreditar tanto na sua eleição como se o quizessem fazer papa.

E' que o doutor Belo de Moraes sente tambem a hostilidade de Afonso Costa ou pelo menos a sua indiferença e isto, junto com o estado do doente, deve dar-lhe a impressão de que pode ser attingido no contagio ou, se tentar a operação, receber em cheio o golpe destinado ao doente. Julga-se, por consequencia, tão longe de Belem como de Roma, da cadeira presidencial como da cátedra de S. Pedro e faz muito bem.

Aquillo, como dinheiro, não chega ao seu ganho com meia duzia de consultas e como trabalho carece duma desinfecção quasi impossivel.

Se, como imagino, o medico illustre é um homem de principios claro que não quererá ser o presidente do partido democratico. Pois o cargo não é outro. E' pegar ou largar. Para o caso de ninguem querer está sempre disponivel o unico candidato que não estremece ouvindo bater á porta, antes abre os olhos, sob os bigodés das sobrançelhas, e pergunta:

— O' Gigi, é o partido democratico . . . ?

— Não senhor, é o leiteiro.

De novo se recolhe em suas meditações — como se sabe, dorme immenso o que é um paradoxo, este eterno velador da republica, e quando a campainha retine, volta a perguntar anciosamente:

— O' Diniho... é o convite official...?

— Não senhor... E' o recibo da Companhia do Gaz...

Os outros tem atitudes mais timidas. Declaram-se ausentes ou incapazes, talvez porque o chefe democratico ainda não lhes atirou o seu lenço num gesto de sultão caprichoso.

Não importa, pois, que estejam ou não no Congresso os nacionalistas. Eles, porem, não irão lá porque tem o seu fim o qual deve ser revelado. Arrogando-se enorme força tornar-se-hão os arbitros da situação, quando a revolução chegar. Podem mesmo não entrar nela mas como partido de opposição — o unico republicano constituido — fatalmente lhes caberá um papel dominante.

Mas qual revolução? A que é inevitavel desde que o senhor Bernardino Machado entre em Belem.

Não se julgue que estou fazendo uma *scie* ou que a lembrança de Sidonio me perturbe. Não. Estou vendo nitidamente o caminho.

Primeiro o paiz não o aceita, detesta o seu feitio, as suas mesuras, os seus modos. Depois os nacionalistas berrarão nos seus jornaes, nos seus comicios, nas ruas:

— E' o presidente dos democraticos!

A agitação que palpita nos espiritos intensificar-se-ha, de todos os lados acorrerá gente para combater e de novo a vida nacional será perturbada bem como a do chefe pelos democraticos eleitos.

Mas como se ha-de arranjar um presidente que a nação aceite sem repugnancia? E' simples. Mostre-se que não é um producto da vontade dos partidarios do senhor Afonso Costa e talvez se tolere.

Emquanto ao senhor conselheiro Bernardino Machado o melhor é desistir, desde já, de ir para Belem. Pode continuar a perguntar desinsofridamente quem bate, mas seguindo sempre o que lhe disserem:

E' o cortador, é o homem da hortaliça, é a lavadeira.

S. Ex.<sup>a</sup> bem sabe que isto é melhor do que ouvir a resposta de que quem bate á sua porta — é a revolução.

## Os culpados da morte de Granjo!

Uma apreciação curiosa — O papel dos superiores ante os inferiores — Cunha Leal e os seus adversarios — Os conduzidos e os conductores — A moral moderna

O capitão senhor Sarmiento Rodrigues attribue a morte de Granjo — pelo menos assim o disse no tribunal — sabem a quem? Ao almirante Camara Leme que não fez senão desmoralisar-se, aos officiaes que lugiram para dentro de desvãos, aos que a attitude dos marinheiros aterrorizou? Não senhor. A Cunha Leal.

Nunca apparecerá semelhante versão e como preparo sobre o mais tragico acontecimento do tempo da republica e até de todo o constitucionalismo, um livro, intitulado *Maré de Sangue*, não quero deixar de ponderar as palavras daquele official. Atribue á attitude violenta deste politico — declarou o senhor Sarmiento Rodrigues, segundo a reportagem do *Diario de Noticias* — a exaltação dos marinheiros que levou á morte o malgrado dr. Granjo.

Antonio Granjo estava em casa de Cunha Leal quando os revolucionarios, de cuja cumplicidade participava a testemunha de agora, deliberaram mandar prende-lo. Houve resistencia, uma larga defeza do presidente do conselho feita pelo seu hospedeiro enquanto os vencedores o queriam, por força, em seu poder receosos da sua valentia. Assim se explica essa persistencia em o guardarem, em o desejarem preso depois de vencido. A acção desse rapaz republicano apparecia nos anodinos de 19 d'outubro como um delicto contrario a uma instituição pela qual — á excepção do coronel Coelho — nenhum deles se batera quando as suas vítimas, Machado Santes, Maia, Granjo, arriscaram as vidas. Conduzido para o Arsenal foi insultado. Cunha Leal tomou uma attitude. Qual devia ser ella? A dum submetido áquella turba que os seus officiaes eram impotentes para conter? A dum *agachamento* nalgum deposito de inuteis? Não. A dum official diante de subordinados mesmo quando eles se revoltam e sobretudo, quando eles se revoltam. Foi esse com Agatão Lança os que comprehenderam o seu dever, o resto não passou dum bando aterrado sem coragem para falar alto a praças insubordinadas.

Triste papel o desses chefes de revoltas que não pedem contas aos seus soldados. Pobres conduzidos que se julgam dirigentes, extranhos ofi-

ciais submetidos aos seus homens, banais agaloados que não sabem morrer antes de se sentirem desrespeitados.

Cunha Leal falou como um superior mas aquele revolucionario acha que ele exaltou os marinheiros e culpa-o da morte de Antonio Granjo, quando ele foi o verdadeiro oficial diante duns revolucionarios amedrontados ante os seus cumplices. Já vi procederem melhor alguns civis do que os chefes do 19 d'outubro. Foi na Rotunda quando da revolução sidonista. Aparecera preso o *Santos do Chapeu Verde* a quem increpavam e queriam matar, as armas erguiam-se, a soldadesca avançava tambem e bastou um berro dum simples chefe de grupo para tudo se aquietar. Diante desse infeliz Botelho de Vasconcelos, na casa das armas de artilharia, se passou um episodio semelhante. Trouxeram, num arranco de violencia, para ali o Carlos da Parteira, que prestára serviços a Sidonio mas que a turba imaginava totalmente ligado à policia de Norton de Matos. Queriam mata-lo, as armas já se preparavam para o executar quando alguem interveiu e deteve essa execução. O velho coronel não conseguira cousa alguma daqueles homens. Estava rouco, não tomára, apesar da sua valentia — como morreu bem esse bravo velho! — a posição que devia. E o outro era um civil, um paisano, um desconhecido para a maioria dos revolucionarios. O que não queria consentir em sua frente eram as infamias, eram os atentados. Desgraçado do homem em cujos braços tinham galões que não se dispunha a fazer-se obedecer. Cunha Leal cumpriu; os outros debandaram. Pois bem; para o criterio do capitão Rodrigues — revolucionario — foi ele o culpado da morte de Granjo.

O mal de toda essa revolução foi a fraqueza dos chefes. Lançaram-se numa aventura com o desconhecimento do terreno, na ignorancia do que pensavam os superiores, falhos da menor analyse psicologica do meio onde iam actuar; imaginaram que conduzir tropas para a rua em ar de rebelião, era o mesmo que leva-las a uma parada ao som das bandas. Foram conduzidos, não conduziram.

E' que dentro dos quartéis e dos navios já não existe essa massa imoldavel aos caprichos dos officiaes mas uma materia em fermentação querendo tambem fazer a sua vontade, Desde que a revoltam, como falta o prestigio a quem pretende leval-a a seu fim, ela toma o caminho que ambiciona ou segue o mais audaz, aquele que lhe sabe falar e fazer fremitar. D'esta vez foi o «Dente de Ouro,» com as suas frases mentirosas e seus gestos d'actor; outra vez — creiam que chegará esse dia — será qualquer outro que procurará vinganças. Aqueles brados soltados no tribunal dirigidos ao senhor Freitas Ribeiro e aos outros jurados, hãode ter fatalmente, uma conflagração E sabem porque? Porque quem manda são os inferiores e eles fingindo ser os superiores que os aliciam, apenas, servem suas combinações meditadas na caserna, á espera d'um momento.

Quando os officiaes são da força dos que se esconderam no Arsenal é o panico que dá aos da baixa camada as orgulhosas atitudes, o seu ranger de dentes, a sua furia de matar desperta ante o medo; quando eles são como Cunha Leal o caso é outro ou se domam, se subordinam ou matam. Quem procede como ele corre porem um risco ante o qual os outros se apavoram — o de morrer. Ninguem se impoz à turba rebelde, ninguem falou de rijo á marinhagem senão esse capitão de engenharia, Agatão Lança e o capitão de fragata Crato, que foi o primeiro a declarar ter sido possivel metel-a na ordem. Pois bem: agora um official afirma que sem a nota de superiores para inferiores, Granjo não te-

ria morrido. Ou é a transigencia que se apregôa e um militar não tem esse direito ou então foi uma frase de acaso que só é discutida aqui por ser afirada a um tribunal de guerra.

Por este processo, d'aqui a pouco foi tambem Leal o culpado das mortes de Maia e Machado Santos e até são capazes de afirmar que os seus ferimentos representam uma deshonra. Que não passavam de arranhaduras já o disse o senhor Camara Leme, aquela cuja honra sofreu mais de que o corpo onde nem um simples vergão acusa o golpe funque lhe rasgou a dignidade militar.

Vivemos na realidade, numa epoca terrivel. O mundo todo se envolve nos mesmos processos mas em Portugal desceu se muito, tanto que dos deshonestos aos honrados, se receia até de praticar actos honestos, cometidos ha anos, ante o moral de hoje que assim, como se vê exalta os medrosos e deprime os valentes.

### NO PRÉLO:

AS SENSACIONAIS REVELAÇÕES COM  
DOCUMENTOS GRAFICOS Á CERCA DO

# MARQUEZ DE POMBAL PUPILO DOS JESUITAS

OBRA DE

ROCHA MARTINS

EDIÇÃO DA «LUMEN»



